

Diálogos de Diversidade: Desafios e Acolhimento LGBTQIA+ em uma Escola Pública do Sul do Brasil¹

*Diálogos de Diversidad: Desafios y Acogida LGBTQIA+ en una Escuela
Pública del Sur de Brasil*

*Diversity Dialogues: Challenges and LGBTQIA+ Inclusion in a Public
School in Southern Brazil*

Lucía Silveira Alda²

Vilmar do Nascimento Rocha³

Vinícius Barcellos Vieira Silveira⁴

Resumo

Apesar dos avanços em prol da igualdade de gênero e das discussões sobre gênero e sexualidade, nossa sociedade ainda é marcada por uma norma cisheteronormativa que tende a marginalizar e invisibilizar experiências que desviam do padrão socialmente estabelecido. Considerando a escola como um reflexo e microcosmos da sociedade, torna-se crucial discutir essas questões nos espaços educacionais. Esta pesquisa tem como objetivo identificar, por meio de posições discursivas, os desafios e os acolhimentos da comunidade LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Especificamente, busca-se: (1) examinar os sentimentos emergentes sobre o pertencimento ao câmpus entre estudantes que se reconhecem como parte da comunidade LGBTQIA+; (2) mapear e categorizar o perfil dessa comunidade no câmpus; e (3) propor estratégias de mitigação para os desafios identificados. Subsidiados pela abordagem qualitativa, a pesquisa realiza-se a partir de dados coletados e gerados por meio de questionário respondidos voluntariamente por estudantes do câmpus. Os resultados indicam que, embora a maioria dos estudantes LGBTQIA+ se sinta acolhido no câmpus, há áreas de vulnerabilidade que necessitam de melhorias. Em particular, a maioria dos participantes relataram ter sofrido algum tipo de violência verbal ou física relacionada à sua orientação sexual ou identidade de gênero ao longo da vida, e 26,67% afirmaram que essas ocorrências aconteceram dentro do câmpus. Além disso, enquanto muitos estudantes se sentem protegidos no câmpus, 43,75% relataram que essa sensação de segurança depende do ambiente específico. Esses achados destacam a importância de ações institucionais para fortalecer a segurança e o acolhimento no câmpus. Nessa perspectiva, espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a comunidade acadêmica do câmpus Rio

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Doutora em Letras; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br

³ Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens; Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – SEDUC/SP; Limeira, São Paulo, Brasil; vilmarrocha2@gmail.com.

⁴ Estudante do quarto ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Refrigeração e Climatização; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; vinicius.silveira@aluno.riogrande.ifrs.edu.br.

Grande, promovendo o debate, a reflexão e, sobretudo, ações transformadoras em relação aos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+.

Palavras-Chave: Vulnerabilidade, LGBTQIA+, Diversidade, Educação.

Resumen

A pesar de los avances en favor de la igualdad de género y de las discusiones sobre género y sexualidad, nuestra sociedad aún está marcada por una norma cisheteronormativa que tiende a marginar e invisibilizar experiencias que se desvían del estándar socialmente establecido. Considerando la escuela como un reflejo y microcosmos de la sociedad, se vuelve crucial discutir estas cuestiones en los espacios educativos. Esta investigación tiene como objetivo identificar, a través de posiciones discursivas, los desafíos y la acogida de la comunidad LGBTQIA+ en el campus de Rio Grande del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Río Grande del Sur (IFRS). Específicamente, busca: (1) examinar los sentimientos emergentes sobre la pertenencia al campus entre estudiantes que se reconocen como parte de la comunidad LGBTQIA+; (2) mapear y categorizar el perfil de esta comunidad en el campus; y (3) proponer estrategias de mitigación para los desafíos identificados. Subsidiado por el enfoque cualitativo, la investigación se realiza a partir de datos recolectados y generados mediante un cuestionario respondido voluntariamente por estudiantes del campus. Los resultados indican que, aunque la mayoría de los estudiantes LGBTQIA+ se sienten acogidos en el campus, existen áreas de vulnerabilidad que necesitan mejoras. En particular, la mayoría de los participantes informaron haber sufrido algún tipo de violencia verbal o física relacionada con su orientación sexual o identidad de género a lo largo de su vida, y el 26,67% afirmó que estos incidentes ocurrieron dentro del campus. Además, mientras que muchos estudiantes se sienten protegidos en el campus, el 43,75% informó que esta sensación de seguridad depende del ambiente específico. Estos hallazgos destacan la importancia de las acciones institucionales para fortalecer la seguridad y la acogida en el campus. Desde esta perspectiva, se espera que los resultados de esta investigación contribuyan a la comunidad académica del campus de Rio Grande, promoviendo el debate, la reflexión y, sobre todo, acciones transformadoras en relación con los desafíos que enfrenta la comunidad LGBTQIA+.

Palabras-clave: Vulnerabilidad, LGBTQIA+, Diversidad, Educación.

Abstract

Despite advances in gender equality and ongoing discussions on gender and sexuality, our society remains marked by a cisheteronormative standard that tends to marginalize and render invisible experiences that deviate from the socially established norm. Considering the school as a reflection and microcosm of society, it becomes crucial to address these issues within educational spaces. This research aims to identify, through discursive positions, the challenges and support systems experienced by the LGBTQIA+ community at the Rio Grande campus of the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS). Specifically, it seeks to: (1) examine the emergent feelings of belonging to the campus among students who identify as part of the LGBTQIA+ community; (2) map and categorize the profile of this community on campus; and (3) propose mitigation strategies for the challenges identified. Supported by a qualitative approach, the research is conducted based on data collected through questionnaires voluntarily completed by campus students. The findings indicate that although the majority of LGBTQIA+ students feel welcomed on campus, there are areas of vulnerability that require improvement. In particular, most participants reported having experienced some form of verbal or physical violence related to their sexual orientation or gender identity throughout their lives, and 26.67% stated that these incidents occurred on campus. Furthermore, while many students feel protected on campus, 43.75% reported that this sense of security depends on the specific environment. These findings underscore the importance of institutional actions to strengthen safety and support on campus. In this perspective, it is expected that the results of this research will contribute to the academic community of the Rio Grande campus, promoting debate, reflection, and, above all, transformative actions regarding the challenges faced by the LGBTQIA+ community.

Keywords: Vulnerability, LGBTQIA+, Diversity, Education.

1. Por que é importante explorar este tema na escola?

Apesar dos avanços em prol da igualdade de gênero e das discussões acerca de gênero e sexualidade, ainda vivemos em uma sociedade cisheteronormativa, "na qual a cisgeneridade é a norma e os padrões de comportamento heterossexuais são dominantes e todos aqueles contrários a esse padrão são estigmatizados e punidos" (Sá; Szyllit, 2021, p. 52). Atualmente, nossa sociedade considera a cisgeneridade e a heterossexualidade como padrões normais para todos, enquanto tende a marginalizar e tornar invisíveis as experiências que se desviam dessas normas. Isso se manifesta de forma estrutural, onde a imposição de um modelo hegemônico, suas práticas e seus efeitos estão profundamente enraizados na estrutura da sociedade e dão origem às formas como as pessoas se relacionam, tanto no âmbito privado quanto no público.

Isto posto, ao considerarmos sexualidades dissidentes, podemos identificar uma multiplicidade de comportamentos sexuais que diferem do esperado como padrão social (Carvalho; Barreto, 2021) e, como resultado, as pessoas que vivenciam essas identidades, a saber, pessoas denominadas LGBTQIA+, vêm sendo invisibilizadas devido à discriminação existente contra elas. O uso da sigla LGBTQIA+ representa, segundo os posicionamentos do Movimento LGBTQIA+ brasileiro contemporâneo (Soliva; Gomes Júnior, 2020), lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexo e assexuais.

[...] Tal sigla abarca identidades relacionadas à orientação sexual, qual seja, à atração afetivossexual por alguém de algum(ns) gênero(s) e que pode ser classificada como heterossexual, homossexual, bissexual, assexuais e pansexuais [...]. Ao mesmo tempo que também contempla outras identidades como as de gênero, que é a forma como as pessoas se identificam ou se reconhecem e que inclui categorias como cisgênero, transgênero, transexual, bigênero, pangênero, drag queen, entre outros). Isso porque tal sigla objetiva a promoção, a inclusão e a visibilidade do maior número possível de pessoas com orientação sexual, identidade ou expressão de gênero (forma como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero) desviantes do padrão cisheteronormativo e binário. Cabe ressaltar que esta sigla possui historicidade própria e é resultado dos debates ocorridos pelo próprio movimento, sendo sua forma atual um lugar de disputa tanto na militância como na academia, dividindo a opinião de pesquisadores, autores e militantes/ativistas (*id.*, p. 4060).

Compreendendo a escola como um microcosmo da sociedade (Pinto, 2014; Rocha, 2018), é imperativa a importância da discussão sobre gênero e sexualidade nos espaços educacionais. A escola é, por excelência, um dos principais espaços de formação para a cidadania e socialização de crianças e jovens (Libâneo, 2016). No entanto, apesar das múltiplas manifestações sobre o tema no cotidiano e do aumento do debate em contextos externos à sala de aula, é notável que na escola essa questão é frequentemente encarada com

ressalvas. Além disso, a escola nem sempre se mostra qualificada para lidar com a diferença, principalmente no que tange às questões de sexualidade e orientação sexual. De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Unibanco (2016), as implicações dessas dificuldades são significativas, afetando negativamente os estudantes LGBTQIA+.

Esses estudantes enfrentam, constantemente, uma série de desafios ao longo da sua vida acadêmica e têm suas trajetórias educacionais prejudicadas devido à desigualdades, discriminações, violências e estigmatização, dentro e fora da escola. Entre os desafios, podemos destacar situações de *bullying* e assédio, isolamento social, problemas de saúde mental, falta de recursos educacionais, desigualdade de oportunidades, entre outros. Abordar essa questão é, portanto, um direito dos discentes e uma condição essencial para fortalecer uma sociedade verdadeiramente democrática. Desta maneira, é fundamental que os espaços educacionais promovam ambientes inclusivos e acolhedores para esses estudantes. Em consoante, Motta-Ávila e Alda (2020, p. 19) afirmam que

entender que a abordagem dessa temática faz parte do papel escolar compreende a importância da instituição de educação na construção dos cidadãos e no entendimento acerca da importância do respeito ao próximo, da empatia. Sendo o gênero uma construção social, para além de algo puramente biológico, extrair tal tipo de temática do ambiente acadêmico acaba sendo algo antinatural e até mesmo negligente.

O direito à Educação para a igualdade de gênero, orientação sexual e identidade de gênero tem base legal na Constituição Brasileira (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), nas Diretrizes Nacionais de Educação e Diversidade, nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (art. 16), elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação e outros documentos. Ainda, o Plano Nacional de Educação (PNE) prevê a promoção dos direitos humanos e da diversidade na educação brasileira. Por conseguinte, esse debate deve existir na escola e abordar essas temáticas aporta inúmeros benefícios significativos. Ademais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua nona competência geral para a Educação Básica:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, **com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos** e de grupos sociais, seus saberes, **identidades**, culturas e potencialidades, **sem preconceitos** de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10, grifos nossos).

A inclusão e o apoio a estudantes LGBTQIA+ e a promoção da educação para a diversidade visam promover a igualdade, melhorar o bem-estar e a saúde mental dos estudantes, reduzindo os riscos de problemas como depressão, ansiedade e isolamento social.

A educação para a diversidade também fomenta o respeito e a empatia, ensinando os estudantes a valorizar as diferentes identidades e conviver com as diferenças. Ela contribui para a redução do *bullying* e da violência e, ao criar ambientes seguros e inclusivos, pode contribuir com a melhora do desempenho acadêmico. Além disso, ajuda a preparar os estudantes para viver em um mundo diverso, promove a criatividade e a inovação, e constroi uma sociedade mais justa, consciente e inclusiva. Portanto, essas práticas desempenham um papel fundamental na luta contra a discriminação, na promoção dos direitos humanos e na construção de um mundo mais igualitário.

Logo, é sabido que a escola ocupa um papel fundamental na questão do respeito à diversidade e, dessa forma, é essencial trabalhar a questão da identidade pois é a partir dela que reconhecemos nossas semelhanças e diferenças. Pinto (2015, p. 4) explica que “a identidade é construída pela dialética entre o que se é e o que se percebe, entretanto, o respeito parte do respeito direto ao que o outro é e se constitui e sem julgá-lo a partir de si e do que percebe”. Nesse contexto, esta pesquisa busca promover o reconhecimento das diferentes identidades dos estudantes LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), verificar quem são e como se percebem no âmbito de uma escola pública, dos cursos de Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, visando identificar, através de posições discursivas, os propícios e desafios da comunidade LGBTQIA+ do câmpus. Para tanto, este projeto de pesquisa integra-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do câmpus Rio Grande.

Ao considerarmos o exposto acima, é incontestável a necessidade de identificar essas questões no contexto do câmpus Rio Grande a fim de propor estratégias de mitigação que prezem pela promoção da igualdade, pelo respeito à diversidade e pela prevenção à discriminação. A escola, portanto, precisa contribuir para a materialização desse movimento de emancipação, pois é um espaço de formação integral do estudante, principalmente no que diz respeito às questões de cidadania e ética (Araújo, 2015). Portanto, atualmente, é fato notório que para haver uma coexistência democrática em uma sociedade plural, é essencial demonstrar respeito pelos variados grupos e culturas que a constituem. Dessa forma, a investigação proposta julga-se necessária para reconhecer as múltiplas identidades dos estudantes LGBTQIA+ no espaço escolar e identificar os desafios e os acolhimentos da

comunidade no câmpus e, assim, buscar tornar a convivência no contexto escolar mais agradável, respeitoso, seguro e prazeroso.

Com base nas contextualizações realizadas, este trabalho tem como objetivo identificar, por meio de posições discursivas, os desafios e os acolhimentos da comunidade LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande do IFRS. Especificamente, busca-se: (1) examinar os sentimentos emergentes sobre o pertencimento ao câmpus entre estudantes que se reconhecem como parte da comunidade LGBTQIA+; (2) mapear e categorizar o perfil dessa comunidade no câmpus; e (3) propor estratégias de mitigação para os desafios identificados.

2. Abordagem metodológica

A fim de efetivar os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. O universo da pesquisa é o câmpus Rio Grande do IFRS e os participantes são 48 estudantes que se autodeclararam pertencentes à comunidade LGBTQIA+ e que manifestaram interesse em participar do estudo de maneira voluntária. Para coletar os dados gerados foi desenvolvido e aplicado um questionário misto, via Google Formulários, constituído por dezesseis questões de múltipla escolha e cinco questões abertas, a fim de obter relatos mais detalhados. A nossa escolha pelo questionário está fundamentada na “tentativa de acesso às informações importantes para a nossa pesquisa e na oportunidade que se dá ao sujeito de discursivizar espontânea e individualmente, de forma livre e muito tranquila” (Rocha, 2018, p. 75), e tendo em vista

[...] a possibilidade de acesso, em um mesmo espaço de tempo, a posições de inúmeros sujeitos que, mesmo juntos em um dado espaço físico, se posicionam individualmente, o que garante ainda a regularidade de condições relativas ao momento de demanda de posição (contexto de aplicação do questionário), dificilmente alcançável com entrevistas (Coelho, 2011, p. 96).

Os questionários permitem que os participantes tenham mais tempo para refletir, sem a pressão de uma interação direta, o que tende a favorecer respostas que reflitam de maneira mais fiel as opiniões e sentimentos dos estudantes. Ainda, o anonimato garantido pelos questionários proporciona aos respondentes a liberdade de expressar suas opiniões sem o receio de julgamento ou retaliação, o que é particularmente relevante em contextos escolares, onde os estudantes podem hesitar em compartilhar opiniões que possam desagradar a seus colegas, professores ou à administração. Questões sensíveis, como a temática desta pesquisa, são mais suscetíveis de serem abordadas com sinceridade em um questionário anônimo. No entanto, é importante estar ciente das limitações desse método, como o potencial baixo

retorno de respostas (Goldberg, 2011), podendo subnotificar a realidade total da comunidade representada.

3. O retrato dos dados: resultados em foco

O retrato dos dados desta pesquisa é estruturado para proporcionar uma compreensão abrangente das vivências e percepções dos estudantes LGBTQIA+ no câmpus. Inicialmente, traçamos o perfil demográfico dos participantes, permitindo contextualizar as análises subsequentes. Em seguida, examinamos os conhecimentos prévios dos sujeitos sobre termos essenciais para a compreensão dos desafios e acolhimentos da população LGBTQIA+, como cisheteronormatividade e LGBTfobia, fornecendo uma base para interpretar as respostas com maior profundidade. A partir disso, discutimos os desafios específicos enfrentados pelos estudantes da comunidade no âmbito do câmpus, destacando as barreiras e dificuldades que impactam seu bem-estar e desempenho acadêmico. Por fim, abordamos as percepções de acolhimento e as estratégias de mitigação identificadas, oferecendo uma visão das iniciativas existentes e das lacunas que ainda precisam ser preenchidas para promover um ambiente mais inclusivo e seguro para todos os estudantes.

3.1. Perfil demográfico dos participantes

O primeiro bloco de perguntas do questionário foi desenvolvido com o intuito de mapear e caracterizar o perfil da comunidade LGBTQIA+ do câmpus Rio Grande, em consonância com os objetivos delineados nesta pesquisa. Esse segmento de perguntas gerou dados fundamentais sobre faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual, etnia autodeclarada, nível de escolaridade, curso e ano corrente no IFRS dos participantes. Esses dados são particularmente importantes para uma compreensão mais detalhada das características sociodemográficas dos sujeitos, servindo como alicerce para as análises subsequentes sobre os desafios e acolhimentos vivenciados no âmbito do câmpus.

Em relação à faixa etária, a maioria dos participantes foi composta por estudantes maiores de idade, representando 60,42% do total. Um aspecto relevante, levantado por duas estudantes, foi o impedimento em responder ao questionário devido à exigência de assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos responsáveis legais dos menores de idade. Esse fator foi particularmente desafiador para aqueles que não se identificam abertamente como LGBTQIA+ no ambiente familiar, resultando na recusa em participar da pesquisa, o que pode ter contribuído para uma possível subnotificação dos dados. Embora o

anonimato tenha sido garantido, tais circunstâncias podem ter levado a uma amostra reduzida em relação à realidade do contexto estudado.

No que tange à identidade de gênero, uma quantidade expressiva de participantes identificou-se como mulheres cisgênero, representando 77,08% do total. Seguindo essa distribuição, 16,67% dos respondentes declararam-se homens cisgênero, 4,17% identificaram-se como homens transgênero, e 2,08% optaram por não especificar sua identidade de gênero. Essa distribuição sugere uma predominância significativa de mulheres cisgênero no estudo, impactando tanto a composição demográfica do público-alvo quanto uma maior disposição desse grupo em participar do estudo. A presença de homens transgênero, embora em menor proporção, é fundamental para garantir a diversidade e a representatividade dos resultados. Ademais, a pequena porcentagem de participantes que optaram por não declarar sua identidade de gênero sublinha a importância de assegurar um ambiente de pesquisa seguro e respeitoso.

Os dados referentes à etnia autodeclarada dos participantes revela uma predominância significativa de pessoas que se identificam como brancas, correspondendo a 76% do total. Essa distribuição é seguida por 12% dos participantes que se autodeclararam pardos, e 6% que se identificaram como pretos, e 2% que optaram por não declarar sua etnia ou indicaram não saber. Precisamos considerar que essa predominância de respondentes autodeclarados brancos traz à tona questões interseccionais, especialmente quando correlacionada com as dimensões de gênero e orientação sexual, conforme distribuído na Figura 1. Em um contexto onde a maioria dos participantes se identifica como branco, é crucial considerar como as interseções de raça e gênero influenciam as experiências de discriminação e inclusão no campus. Estudos demonstram que pessoas negras e pardas, especialmente aquelas que também pertencem à comunidade LGBTQIA+, frequentemente enfrentam desafios únicos, incluindo uma maior exposição a múltiplas formas de discriminação e violência, tanto por sua etnia quanto por sua identidade de gênero e/ou orientação sexual (Crenshaw, 1989). No contexto escolar, isso pode se traduzir em menores índices de acolhimento e maior vulnerabilidade em comparação aos participantes brancos. Ademais, a subrepresentação de pessoas negras e pardas na amostra, que juntas compõem apenas 18% do total, pode sugerir barreiras estruturais que dificultam a participação desse grupo em pesquisas ou em espaços acadêmicos de forma geral.

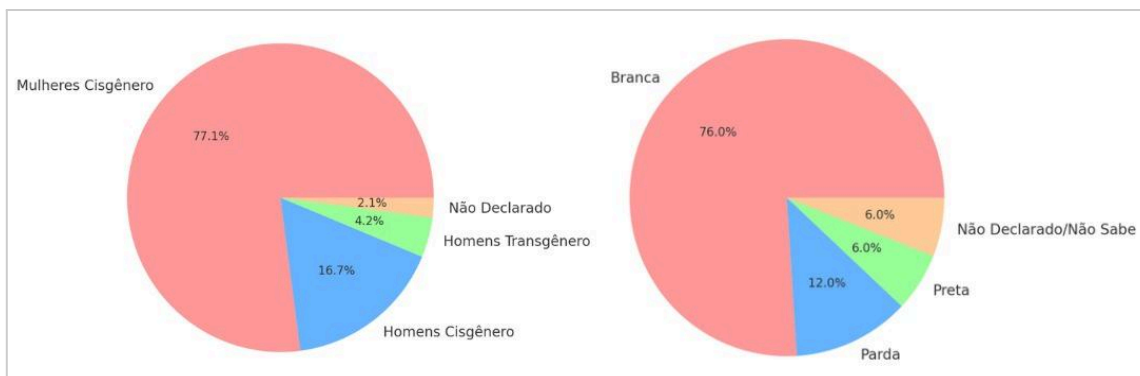


Figura 1 – Distribuição dos participantes por identidade de gênero e etnia autodeclarada

Fonte: Autores (2024)

A análise dos dados referentes à orientação sexual dos participantes revela uma diversidade significativa, com uma predominância de indivíduos que se identificam como bissexuais, correspondendo a 55,1% do total. Em seguida, 28,6% dos respondentes declararam-se homossexuais. A pansexualidade, embora menos representada, abrange 6,1% dos participantes. A heterossexualidade aparece em menor proporção, com 4,1% dos participantes, correspondente à orientação sexual dos homens transgênero deste estudo, que, embora se identifiquem como heterossexuais, são parte da comunidade LGBTQIA+. Ainda, 2% dos participantes escolheram a opção "Outra(s)" para descrever sua orientação sexual, enquanto uma parcela igual optou por não declarar sua orientação. Percebemos, a partir disso, a diversidade e complexidade das identidades sexuais e de gênero presentes na amostra.

Em relação à escolaridade, a grande maioria dos participantes, 97,9%, está cursando o Ensino Médio Integrado ao Técnico, com apenas um participante já cursando o Ensino Superior. Essa distribuição aponta que o público-alvo da pesquisa é predominantemente composto por estudantes de nível médio técnico. Entre os cursos mencionados (Figura 2), Geoprocessamento é o mais representado, com 18 participantes, o que corresponde a aproximadamente 38,3% do total. Outros cursos, como Fabricação Mecânica (19,1%) e Automação Industrial (12,8%) também têm uma presença significativa. Os cursos de Informática para Internet e Refrigeração e Climatização contam com a mesma proporção de participantes (10,6% cada), seguido por Eletrotécnica, com 8,5%, e Arquitetura e Urbanismo, com 2,1%. Ressalta-se a baixa adesão por parte dos demais cursos superiores.

Qual é o seu curso? *

- Automação Industrial
- Eletrotécnica
- Fabricação Mecânica
- Geoprocessamento
- Informática para Internet
- Refrigeração e Climatização
- Enfermagem
- Engenharia Mecânica
- Arquitetura e Urbanismo
- Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- Formação Pedagógica

Figura 2 – Cursos do câmpus Rio Grande do IFRS

Fonte: Autores (2024)

A análise da distribuição dos participantes por ano escolar revela que o quarto ano tem a maior representação, com 38,3% do total, seguido pelo segundo ano (25,5%) e pelo terceiro ano (23,4%). O primeiro ano apresenta a menor participação, correspondendo a 14,9% dos respondentes. Esses dados sugerem que os estudantes em estágios mais avançados de seus cursos tendem a estar mais engajados ou mais confortáveis em participar de pesquisas, possivelmente devido à maior familiaridade com o ambiente acadêmico e suas demandas. Além disso, a predominância de participantes do quarto ano – último ano do Ensino Médio Integrado e composto por estudantes maiores de idade –, e a menor participação de estudantes do primeiro ano – ingressantes no ano letivo de 2024 e composto, geralmente, por menores de idade –, refletem a questão observada na distribuição por faixa etária, sugerindo uma possível subnotificação decorrente da exigência de assinatura dos termos de assentimento por parte dos responsáveis legais.

Isto posto, traçou-se um perfil demográfico específico entre os participantes, destacando-se uma amostra majoritariamente composta por mulheres cisgênero acima de 18 anos. A maioria se identifica como branca e bissexual, o que sugere uma diversidade de orientação sexual, mas uma menor diversidade racial. Em termos educacionais, os participantes são predominantemente estudantes de Ensino Médio Integrado ao curso Técnico, com uma forte concentração nos cursos de Geoprocessamento, Fabricação Mecânica e Automação Industrial. Essa composição demográfica sugere um grupo relativamente homogêneo em alguns aspectos, como a identidade de gênero e a etnia, enquanto destaca uma diversidade significativa em termos de orientação sexual.

3.2. Explorando saberes anteriores: a base do conhecimento prévio

Na segunda seção do questionário, os estudantes foram indagados sobre seus conhecimentos prévios acerca dos termos "cisheteronormatividade" e "LGBTfobia", conceitos essenciais para compreender as dinâmicas de poder, opressão e exclusão que afetam a comunidade LGBTQIA+ tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Além disso, ao avaliar o nível de entendimento dos estudantes sobre esses conceitos, podemos identificar possíveis lacunas no conhecimento e na conscientização, o que deve orientar intervenções educativas mais eficazes. Em relação ao conceito de cisheteronormatividade, os dados indicam que 45,83% dos participantes têm conhecimento pleno sobre o termo. Na Figura 3, destacamos algumas respostas fornecidas no questionário.

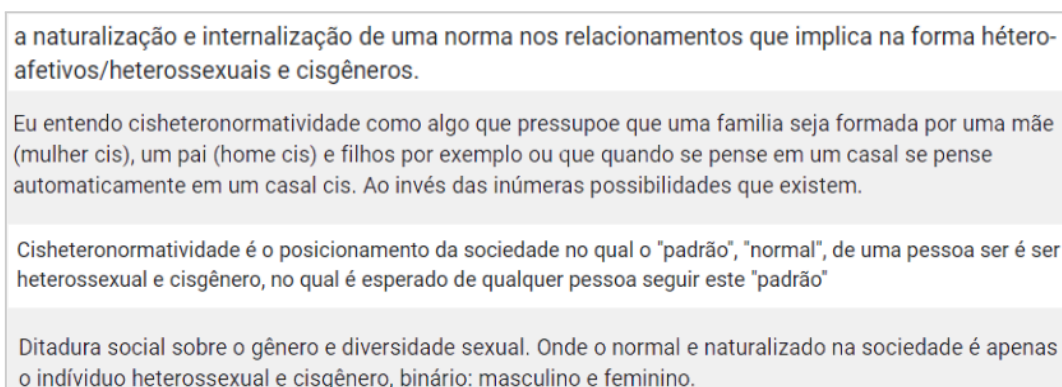


Figura 3 – Para você, o que é cisheteronormatividade?

Fonte: Autores (2024)

No entanto, 31,25% dos participantes afirmaram saber o que é, mas não conseguem conceituá-lo, e 22,92% não sabem o que significa. Essa compreensão limitada do conceito entre a maioria dos respondentes aponta urgência de conscientização sobre o tema, pois esse conhecimento tem como finalidade que os estudantes reconheçam e nomeiem as estruturas e comportamentos discriminatórios, crucial para a promoção de um ambiente mais inclusivo e seguro.

Por outro lado, a maioria dos participantes (85,42%) demonstra um entendimento claro do que é LGBTfobia (Figura 4), com apenas 14,58% afirmando que conhecem o termo, mas não conseguem descrevê-lo. Isso mostra que o conceito de LGBTfobia é mais reconhecido entre os participantes, possivelmente resultante das discussões e eventos desenvolvidos sobre o tema dentro da comunidade e do ambiente educacional.

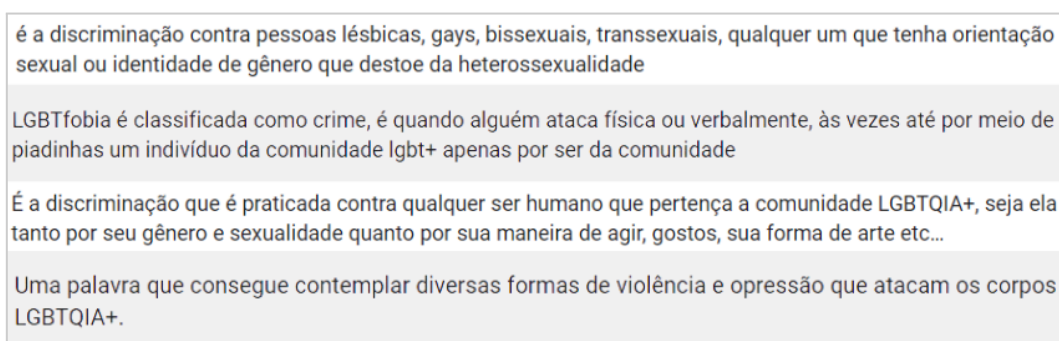


Figura 4 – Para você, o que é LGBTfobia?

Fonte: Autores (2024)

3.3 Desafios enfrentados

Na terceira seção do questionário objetivamos analisar as condições de segurança e conforto vivenciadas pelos estudantes LGBTQIA+ no ambiente escolar, fundamentais para compreender as dinâmicas de inclusão e os desafios enfrentados por esses indivíduos. Para tanto, buscamos investigar a percepção dos alunos do câmpus Rio Grande em relação à proteção, pertencimento e segurança, tanto nas interações cotidianas quanto em situações específicas dentro do câmpus. Através da análise dos dados coletados, identificamos que 62,5% dos participantes já sofreram algum tipo de violência verbal ou física motivada por questões de orientação sexual ou gênero durante a vida, indicando que a violência contra a

comunidade LGBTQIA+ é, lamentavelmente, uma experiência comum. Além disso, considerando que a escola deveria ser um lugar seguro e inclusivo para todos, em se constituindo por um espaço fundamental para o desenvolvimento intelectual, social, e emocional dos estudantes, 26,67% dos estudantes relataram terem sofrido essas violências dentro do câmpus. Isso sugere que, embora o câmpus seja relativamente mais seguro que outros ambientes, ainda existem espaços que precisam ser urgentemente abordados.

Embora 54,17% dos participantes tenham afirmado que se sentem protegidos e seguros dentro das dependências do campus, um número considerável (43,75%) relatou que essa sensação de segurança varia conforme o ambiente em que se encontram, sugerindo que algumas áreas do campus podem ser percebidas como menos seguras. Além disso, 2,08% dos estudantes declararam não se sentirem seguros no campus, evidenciando áreas de vulnerabilidade e a necessidade de melhorias. Consequentemente, os estudantes classificaram alguns espaços, listados na Tabela 1, de acordo com o nível de conforto ou desconforto que experimentam.

Tabela 1 – Sobre a segurança, proteção e conforto nos ambientes do câmpus Rio Grande do IFRS

Ambientes	Muito desconfortável	Desconfortável	Indiferente	Confortável	Muito confortável
Atendimento de professores	10,42%	2,08%	25,00%	47,92%	14,58%
Aulas do ensino médio	8,70%	–	28,26%	43,48%	19,57%
Aulas do ensino técnico	8,33%	6,25%	33,33%	33,33%	18,75%
Banheiros	6,38%	19,15%	25,53%	34,04%	14,89%
Biblioteca	8,33%	4,17%	22,92%	37,50%	27,08%
Centro de Convivência	4,17%	22,92%	35,42%	25,00%	12,50%
Convivendo com os colegas	10,42%	6,25%	10,42%	31,25%	41,67%
Demais ambientes	8,51%	4,26%	31,91%	44,68%	10,64%

Ginásio esportivo	8,51%	14,89%	21,28%	38,30%	17,02%
Pavilhões dos cursos técnicos	8,51%	8,51%	21,28%	40,43%	21,28%
Participando de Núcleos	6,52%	–	21,74%	32,61%	39,13%

Fonte: Autores (2024)

Os dados revelam um panorama misto em relação ao conforto e à sensação de segurança dos estudantes LGBTQIA+ no câmpus, com variações significativas dependendo do ambiente em questão. Nos ambientes onde os estudantes interagem diretamente com colegas e professores, como nas aulas e durante os atendimentos, a maioria se sente confortável ou muito confortável. Isso é um indicativo positivo de que, em situações de aprendizado formal e em interações pessoais com professores, o ambiente é, em grande parte, acolhedor. A alta porcentagem de conforto em ambientes como a biblioteca e durante a participação em núcleos de Ações Afirmativas, como o NEPGS, também reflete a importância desses espaços como zonas seguras e de suporte dentro do câmpus.

No entanto, há áreas que claramente necessitam de atenção. O elevado nível de indiferença registrado em vários ambientes, como em aulas técnicas (33,33%), ginásio esportivo (21,28%), e nos demais ambientes (31,91%), pode ser sintomático de um ambiente que, embora não hostil, não é suficientemente acolhedor e envolvente para todos os estudantes. Essa indiferença demonstra uma falta de conexão ou engajamento, o que, em um ambiente educacional, é uma área crítica a ser abordada para garantir que todos os alunos se sintam incluídos. A situação dos banheiros é ainda mais preocupante, onde 19,15% dos estudantes afirmam se sentirem desconfortáveis, indicando uma necessidade urgente de revisão das instalações e das políticas de uso dos banheiros, garantindo que todos os alunos possam utilizá-los sem medo ou desconforto. Além disso, uma porcentagem significativa de estudantes (22,92%) se sente desconfortável no centro de convivência, o que também aponta para desafios no desenvolvimento de espaços sociais inclusivos. Por ser um local de interação entre estudantes de diferentes perfis sociodemográficos, esse ambiente, que deveria ser de integração e acolhimento, pode se tornar um cenário de desconforto e exclusão para os estudantes fora do âmbito da sala de aula.

Embora o câmpus pareça proporcionar um ambiente seguro e confortável em muitas áreas, os dados indicam que ainda existem ambientes e situações específicas que necessitam de melhorias para garantir um verdadeiro sentido de pertencimento e segurança para todos os estudantes, especialmente aqueles da comunidade LGBTQIA+. Portanto, é essencial que os setores administrativos e direção do câmpus continuem a monitorar essas áreas e implementem medidas que possam reduzir a indiferença e aumentar a sensação de segurança e acolhimento, particularmente em espaços como banheiros e áreas de convivência entre os estudantes. Ao assegurar que a escola seja um lugar seguro e inclusivo para todos, e ao educar para a diversidade, estamos não apenas protegendo os direitos de cada estudante, mas também fortalecendo a sociedade como um todo, ao formar indivíduos preparados para conviver com as diferenças de maneira respeitosa e construtiva.

É importante reforçar que quando falamos em segurança na escola, essa vai além da proteção física; ela deve impreterivelmente abranger também a proteção emocional e psicológica. Quando os estudantes se sentem seguros e respeitados, eles estão mais propensos a participar ativamente das atividades escolares, a estabelecer relacionamentos saudáveis com seus pares e a desenvolver uma atitude positiva em relação à aprendizagem. A falta de segurança e inclusão, por outro lado, pode levar a situações de *bullying*, discriminação e marginalização, que têm impactos negativos duradouros na vida acadêmica e pessoal dos alunos.

3.4. Acolhimento e estratégias de mitigação

Na quarta seção do questionário buscamos, também, explorar o sentimento de orgulho LGBTQIA+ entre os estudantes, aspecto fundamental para a afirmação de suas identidades. O orgulho está intimamente ligado à saúde mental e ao bem-estar dos indivíduos, além de desempenhar um papel crucial na visibilidade e representatividade da comunidade LGBTQIA+, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Sentir orgulho em fazer parte fortalece a comunidade, promove laços de solidariedade e apoio mútuo, ao mesmo tempo que celebra as conquistas alcançadas e reconhece os esforços contínuos na luta por direitos iguais e justiça social. Positivamente, quando questionados sobre o sentimento de felicidade, pertencimento e orgulho em ser uma pessoa LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande, 77,5% dos participantes revelaram que se sentem confortáveis em relação a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero no ambiente escolar, o que representa uma percepção de

acolhimento e aceitação significativa dentro do câmpus. Por outro lado, 17,5% dos estudantes responderam "Não sei/Prefiro não dizer", indicando incerteza ou relutância em expressar seus sentimentos sobre o assunto, enquanto 5% dos participantes afirmaram não se sentirem felizes, pertencentes ou orgulhosos, o que aponta para a existência de desafios que ainda precisam ser abordados.

Ainda, os sujeitos foram convidados a dissertarem sobre a questão, trazendo razões para tais sentimentos, tanto positivos como negativos. Muitos dos comentários positivos, como os destacados na Figura 5, indicam que o NEPGS desempenha um papel crucial na criação de um ambiente acolhedor para a comunidade LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande. A presença de um coletivo de alunos e professores engajados na promoção da visibilidade e aceitação parece ser um fator determinante para o sentimento de pertencimento entre os alunos, sendo um espaço seguro dentro da instituição. Um participante mencionou como o NEPGS e a presença de membros da comunidade LGBTQIA+ no Centro Estudantil Unificado (CEU) contribuíram para que ele se sentisse acolhido desde o início, mostrando a importância de redes de apoio dentro do câmpus. Além disso, o relato de outro estudante, que participa de um curso técnico predominantemente masculino, destaca a importância da visibilidade e do apoio proporcionados pela mobilização de alunos e professores.

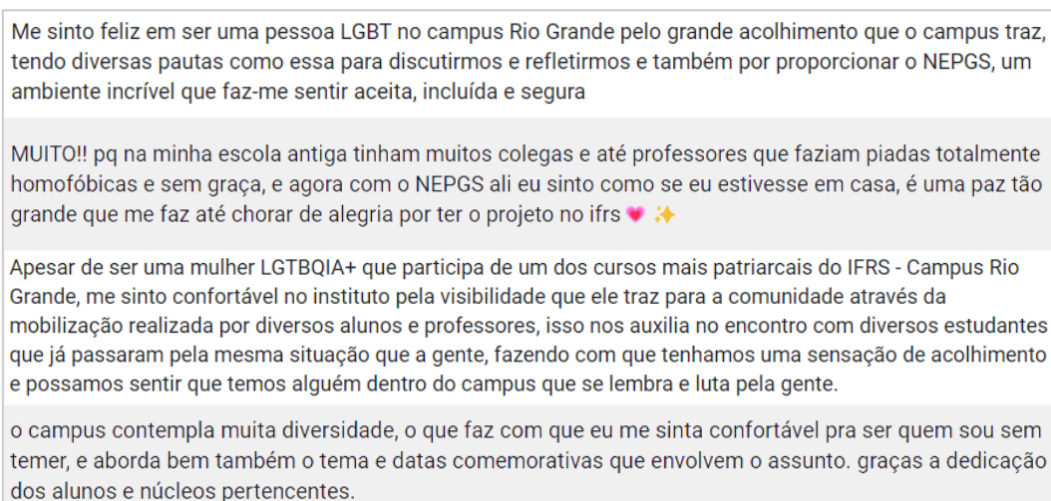


Figura 5 – Você se sente feliz, pertencente e orgulhoso em ser uma pessoa LGBTQIA+ no câmpus Rio Grande?

Fonte: Autores (2024)

Por outro lado, aqueles participantes que expressaram sentimentos de desconforto e exclusão (Figura 6), apontaram o receio de falar sobre sua sexualidade devido ao medo de rejeição ou discriminação, tanto por parte de colegas quanto de professores. Outro relato mencionou a dificuldade de se expressar em um ambiente dominado por homens brancos e cisheteronormativos, grupo que não sempre proporciona um espaço seguro para a comunidade LGBTQIA+. Esse sentimento de não pertencimento é acentuado por olhares de desaprovação e ridicularização, o que contribui para um ambiente hostil e desmotivador.

Acredito que ser uma mulher bissexual, mas estar em um relacionamento afetivo com um homem fez com que minha orientação sexual sofresse um "apagamento" na visão dos outros, incluindo a visão de colegas e amigos, a bissexualidade ainda é muito questionada e invalidada. Entretanto, o câmpus Rio Grande é um espaço acolhedor para uma pessoa LGBTQIA+, somos lembrados, validados, e podemos simplesmente ser.

Minha turma é composta majoritariamente por homens brancos e cis, não sendo sempre um ambiente para pessoas lgbt ou até mesmo mulheres se expressarem com facilidade, isso traz um sentimento bem ruim de não pertencimento na maioria das vezes, porém me sinto confortável com alguns colegas e pessoas de outras turmas também.

Claro, em partes por ter uma comunidade pelo campus que se presta aos estudos, discussões e demandas da luta até amigos que compreendem e também se identificam com as mesmas pautas. A parte negativa é que em uma turma majoritariamente heterossexual e completamente cis (inclusive de professores), não se sabe a reação dessas pessoas quando enfrentarem conhecer um indivíduo queer. Então, não necessariamente o medo, mas a ansiedade.

Desde muito jovem gosto muito de ler e consumir conteúdos sobre a comunidade, desde vídeos até livros e filmes direcionados ao nosso público. Isso gerou em mim um orgulho muito grande, mas que tenho um pouco de dificuldade de demonstrar, eu me sinto bem em ser gay e não tem problema em falar isso para amigos, mas levantar bandeiras pode ser difícil levando em conta que podem haver julgamentos, principalmente nos últimos tempos com a maré de conservadorismo que vem surgindo.

Eu evito falar sobre minha sexualidade. Mesmo sabendo quem eu sou, tenho receio de como as pessoas podem reagir. Sinto que professores podem me tratar de forma diferente e que amigos podem se afastar. Além disso, minha família sempre disse que a bissexualidade é coisa de gente confusa, o que me fez internalizar esse medo e esconder minha identidade como mecanismo de defesa.

Figura 6 – Sentimentos de desconforto e exclusão

Fonte: Autores (2024)

Por fim, os participantes foram convidados a sugerir e propor medidas para a proteção da comunidade LGBTQIA+ no IFRS. Entre as recomendações mais recorrentes, destaca-se a adoção de uma linguagem neutra nas comunicações institucionais, como a substituição de termos com o intuito de promover maior inclusão e representatividade, abrangendo todos os discentes. Outra sugestão amplamente enfatizada foi a implementação de políticas claras de não discriminação, que incluam campanhas de conscientização e eventos que celebrem a diversidade, reforçando o compromisso da instituição com o respeito e a igualdade, além de sublinhar a importância de fortalecer o suporte psicológico e criar redes de apoio específicas

para alunos LGBTQIA+, visando proporcionar um ambiente seguro e acolhedor que atenda às necessidades de bem-estar dessa comunidade. Também foram apontadas como urgentes as melhorias na infraestrutura, especialmente no que se refere à adaptação de banheiros para torná-los mais inclusivos e acessíveis a todos, independentemente de sua orientação ou identidade de gênero. Por último, outro aspecto crucial destacado pelos participantes foi a necessidade imperativa de promover palestras e oficinas de cunho obrigatório para a conscientização direcionadas a funcionários e professores (Figura 7), com foco em questões de respeito e inclusão da comunidade LGBTQIA+.

Acredito que implementação de palestras de conscientização obrigatórias, um espaço adequado e seguro para relato de violências sofridas, e (re)construção de um ambiente seguro, ajudaria a combater parte dessas lacunas.
palestras sobre conscientização, pois tem alunos e professores que não entendem que certos comentários são errados e podem machucar outras pessoas.
Acredito que uma maior conscientização por parte de funcionários e professores, alguma palestra obrigatória, algo que os faça entender melhor como funciona a comunidade e como respeita-la.
Acredito que principalmente instruir professores sobre as questões da comunidade, alguns podem ter pensamentos ultrapassados sobre o assunto e falarem coisas que machucam alunos que são membros da comunidade LGBTQ+.

Figura 7 – Necessidade de ações formativas obrigatórias

Fonte: Autores (2024)

Verificamos que essa necessidade parte da premissa de que os eventos e atividades formativas promovidas pelo NEPGS que abordam essas questões, geralmente atraem apenas um grupo restrito de pessoas já engajadas, enquanto aqueles que mais precisam de informação permanecem alheios. Dessa forma, a inclusão efetiva desses profissionais nas formações é imperativa, pois são eles que, em grande medida, moldam o ambiente educacional e têm a capacidade de transformar a cultura institucional. A realização dessas atividades de formação continuada não é apenas um requisito para a construção de um ambiente acadêmico mais informado e sensível, mas também um passo indispensável para a criação de uma cultura institucional verdadeiramente inclusiva, onde todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, sintam-se vistos, respeitados e acolhidos.

4. Reflexões finais: sínteses e perspectivas

Este estudo explorou os desafios de inclusão enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ no campus Rio Grande do IFRS, identificando tanto vulnerabilidades quanto iniciativas de acolhimento. A análise revelou que, embora existam redes de apoio e esforços institucionais em prol da diversidade, barreiras significativas, como o preconceito e a falta de compreensão sobre cisheteronormatividade, ainda afetam a vivência acadêmica de muitos estudantes. A ausência de políticas que garantam a segurança e o conforto em espaços compartilhados, como banheiros, sublinha a necessidade de intervenções estruturais e culturais.

Recomenda-se, assim, a criação de espaços mais inclusivos e neutros, além da implementação de formações contínuas para toda a comunidade acadêmica sobre questões de gênero e sexualidade. A participação ativa dos estudantes na formulação de políticas inclusivas também se mostra essencial para um ambiente que valorize verdadeiramente a diversidade. Esse estudo destaca que a inclusão não pode depender de eventos pontuais, mas deve ser integrada nas práticas diárias e nas políticas institucionais, refletindo um compromisso abrangente com o respeito e a equidade.

Por fim, para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do foco para incluir questões interseccionais, como raça e classe, e a realização de estudos longitudinais para avaliar o impacto das ações inclusivas ao longo do tempo. Esse compromisso com a diversidade e a inclusão é fundamental não apenas para o IFRS, mas para promover uma sociedade mais acolhedora e justa.

Referências

ARAÚJO, M. M. de. *O machismo no ambiente escolar: A verificação da existência de diferenças de tratamento entre alunas/professoras e alunos/professores no CED de Ceilândia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural), Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, A. A. de; BARRETO, R. C. V. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 9, set. 2021.

COELHO, F. C. B. de. *Construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula: o agenciamento da palavra em dois grupos (um alemão, um brasileiro)*. 2011. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1, p. 139-167, 1989.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

INSTITUTO UNIBANCO. Silêncio da escola em relação à diversidade sexual prejudica a todos. *Aprendizagem em foco*, n. 11, mai. 2016. Disponível em: <https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Aprendizagem_em_foco-n.11.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n.159, p.38-62, jan./mar. 2016.

MOTTA-AVILA, C.; ALDA, L. S. Dia Internacional contra a LGBTfobia: redes sociais, representatividade e resistência – relato de experiência de ação extensionista no Campus Rio Grande. *Viver IFRS*, v. 8, n. 8, 2020, p. 18-23.

ROCHA, V. do N. *Representações didático-discursivas dos sujeitos inseridos no processo de escolarização na modalidade EJA EAD: um olhar para o Sesi como locus da pesquisa*. Orientador: Diógenes Cândido de Lima. 160 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

PINTO, V. H. de O. A escola como microcosmo da sociedade: práticas reprodutivas e inclusivas. *Anais I CINTEDI*. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

PINTO. V. H. de. O. Desconstruindo a heteronormatividade e a valorização da diversidade em favor da liberdade. *Anais XI CONAGES*. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

SÁ, N. N. de.; SZYLIT, R. Cisheteronormatividade e luto na experiência familiar da pessoa não-cisgênero. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 7, n. 1, 45-72, jun. 2021.

SOLIVA, T. B; GOMES JUNIOR, J. Entre vedetes e “homens em travesti”: um estudo sobre corpos e performances dissidentes no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX (1900-1950). *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 123–148, 2020.